

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1256	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte..	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Novembro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



MAD.ELLE NAIR DE TEFÉ
NOIVA DO MARECHAL HERMES DA FONSECA



MARECHAL HERMES DA FONSECA
PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Mil.º Naïr de Tefé — Marechal Hermes da Fonseca

Ha tempos, correu mundo em fóra, alvoroadamente, a noticia do ajuste de casamento do marechal Hermes da Fonseca, presidente da Republica Brasileira, com Mademoiselle Naïr de Tefé, filha do almirante Barão de Tefé, e irmã do sr. dr. Oscar de Tefé von Hoonholtz, actual ministro plenipotenciario do Brasil, em Lisboa, e do sr. Alvaro de Tefé — que foi secretario do marechal presidente. A Portugal, rapidamente, de norte a sul, chegou o eco dessa noticia que tomou aqui sonoridade estranha de regosijo e entusiasmo — tão simpáticos e acedôres da nossa

estima e respeito são os illustres consortes. Presentemente, telegramas do Rio de Janeiro, datados de 5 de Setembro, confirmavam, como official, a boa nova.

Torna se superfluo engalanar de encómios os nomes, distintissimos e queridos, dos noivos.

Elogios, por mais recatados e devotados, que ora lhes fizemos, seriam ociosos e talvez importunos.

O marechal-presidente, Hermes da Fonseca, elevou-se tão alto na consideração de compatriotas e estrangeiros, que o seu character e firmeza moral são indiscutíveis e profundamente venerados os predicados excellentes que exornam o seu alto espirito. A admiração que se lhe vota, é consolidada, mais e mais, dia a dia, no decurso dos anos da sua gloriosa Presidencia. O Estado-Bra-

sileiro muito lhe deve — e Portugal está devotadamente reconhecido á sua lealdade e zelo da sua amizade, tantas vezes demonstrado, com evidencia.

Quanto a Mademoiselle Naïr de Tefé — que dizer que não seja uma repetição impertinente de palavras, graciosamente e justamente, dispensadas aos meritos do seu espirito e gentileza dos seus incontestaveis talentos, em gazetas e revistas de arte e letras e bom-tom? ... Pertencente a uma distintissima familia, a sua personalidade, por si mesma, impõe-se. Seu pai, almirante barão de Tefé von Hoonholtz, senadôr do Estado de Amazonas, é uma das figuras mais prestigiosas da marinha e politica do seu paiz; — seu irmão, sr. dr. Oscar de Tefé está assumindo com tacto irrepreensivel as funções de ministro dos nego-

cios do Brasil em a nossa capital. Assim como assim, a personalidade de Mademoiselle Naïr impõe-se, por si-mesma, é uma senhora gentilíssima e, como dizia uma primorosa revista que se publica no belo paiz de França, é a «enfant gâtée» da alta sociedade fluminense.

Conversadôra emerita e artista de mimo, sabe encantar pela graça da sua palavra o mundo diplomatico de sua convivencia, e sabe encantar pelo imprevisito do seu traço humoristico o mundo da Arte.

«Rian» tal é o pseudonymo lucido da individualidade artistica de Mademoiselle de Teffé.

A exposição da sua galeria de caricaturas finas, irisadas de requinte, veladas de delicadezas melodicadas e surpreendentes de verdade, deu origem, nos ultimos menses, a um dos mais emocionantes sucessos mundanos.

Altas figuras de literatura e politica fôram comentariadas pelo seu lapis irresistivel, faiscante de graça e intelligencia — e segundo afirma com malicia galanteadôra um jornal, não escapou á revelia do seu traço a figura do seu noivo, o actual Presidente, marechal Hermes da Fonseca...

Está fixado para o dia 8 de Dezembro do anno decorrente a celebração do enlace matrimonial.

Padrinho do casamento, partiu, domingo pasado, para o Rio de Janeiro, o illustre diplomata, sr. dr. Oscar de Teffé, e na sua ausencia assume as funcões do ministro acreditado em Lisboa, o sr. dr. A. Velloso Rebello, intelligente e diligentissimo secretario da Legação, a que esta revista largamente se referiu em seu n.º 1223 de 20 de dezembro de 1912.



CRONICA OCCIDENTAL

Segundo amigos cautos afirmam, anda gente açodada, na Imprensa Nacional, a exarar, de pronto e de chapa, sobre papel comum, interessantes juramentos, solemnisimos, de honra. Todos os funcionarios do Estado hão de subscrevêl-os, com circunspeccão e conveniencia, e por eles se comprometem, com firmeza e convicção avigoradas nas condições especiaes do momento, a defender a patria e os meloaes portuguezes, e a acatar as instituições vigentes, sem catar, é claro, formigas negras, brancas e doiradas, tubardes e outros bichos, que por entre elas vegetam e parasitam á regalada.

Juramentos de honra...

Em verdade, julgamos que a ideia é apreciabilissima; mas, digâmol-o com franca lealdade, afigura-se-nos excessivamente primitiva, reaccionaria e ortodoxa, e, assim, incapaz duma acomodação precisa e estrita á realidade actualissima da nossa terra. Todavia, queremos acreditar que houve por ahí creaturo sabido que a restaurou e dela se aproveita, em guisa de lanterna diogenica, para selecção futura de caracteres e demanda de honras íntegras nas repartições do Estado e corredôres cloacinos dos ministerios. Dêmos tempo ao tempo...

Taes considerações, sîmplices e breves, nos ocorreram, — quando, de principio, erguimos as mãos e juravamos aos manes que, nunca e nunca, politicas partidarias e extrapartidarias tiveram o condão de atrair encantadamente a nossa atencão quotidiana. Delas nos afastâmos, sempre e sempre, com nausea e pavôr.

Entanto, como garantimos já por vezes varias e multiplas, para esparecimentos de coraçao e espirito, de longe que estamos, seguimol-as com o olhar por acaso e narramos aos nossos le'tôres casos pícaros da sua marcha aventureira através de varzeas e azambujas viridentes. Já um politico conceituado e demitido por circunstancias ex-



DR. A. VELLOSO REBELLO, ACTUAL ENCAREGADO DOS NEGOCIOS DO BRASIL EM LISBOA

tranhas á vontade propria, politico de tempera nova e velhos tempos, afirmou num diario portuense que para as suas guelas enfatiadas era ainda á politica que ia pedir o pratinho-do-dia, apetitoso e portuguezissimo — só comparavel, em mólhos e substancia, ao famoso bacalhau-com-batatas do sr. Ferreira do Amaral.

Quanto a nós, que nunca implorâmos da politica, nem prato nem gamela, nem pão nem pau — presentimos que mal poderiamos sentar-nos á mês do orçamento e mal poderiamos tragar essa vianda que deve ter o sabôr das ôlhas servidas, nos restaurantes baratos, com muita soda e bichinhos exóticos á tona... Melindres!

Comtudo, confessamos, é agradável, uma vez por outra, assistir á passagem do cortejo e, mais adiante, espreitar, pelos intersticios das cortinas, o serviço luzido do banquete. Sim. E já que no começo do nosso pachorrento discurso nos referimos com deleite a juramentos solemnes e politicos de honra — permitam-nos que digâmos que é á sobrezeza farta do orçamento que eles são mais entusiasticos e mais convictos, para quem não é roído de escrupulos nem usa doenças de estômago.

Ninguém ignora que, proclamada gloriosamente a Republica-Portugueza, a or-

dem natural das cousas malquistou-se consigo propria. Em todos os campos lusos, esta asserção pode ser experimentalmente demonstrada. Verifiquem exemplos confirmativos. Em boa verdade, é ingenuidade candida dizer que a ordem está malquistada consigo propria, visto que a desordem, por mais caótica, é sempre ordem coerente com a sua natureza. Tudo está no modo de encarar o mundo e os seus fenomenos.

E' neste principio evidentissimo que as gazetas officiaes assentam, quando afirmam, nos momentos graves, que a ordem está mantida. Assistam a uma sessão de livre-pensamento — que é de predominio e bomtom na actualidade portugueza — e logo diriam, ao primeiro aspecto, que tudo, ali, desde os titulos das conferencias, aos gestos descomedidos dos oradôres prediletos, vagueia perdidamente e longe da orbita logica da ordem, se não pensassem de pronto que desordem é ainda, nestes casos, ordem coerente com a sua propria natureza... Cãos biblico não existê — dizem eles. Muito bem. Entanto, a sua existencia seria bem mais difficil de contestar, se o reportassemos do principio dos principios do mundo externo ao mundo interno e cerebral dos livre-pensadôres. Por definição de termos, livre-pensamento é pensamento liberto de algemas e rebelde ás regras da logica — expressão absurda que

se torna legitima e propria em sessões magnas e memorandas como aquelas que fôram realizadas, na Sociedade de Geografia de Lisboa, por esforços consideráveis do sr. Magalhães Lima que se dá nas horas vagas a internacionalisar a Republica Portuguesa. Precizada a acepção do termo, poderemos, sem receio de contradita, afirmar que Portugal é actualmente livre-pensador. Vermelhos, azues, brancos e ir-colores, governamentais e oposicionistas — todos e todos sofrem do virus contagioso de livre-pensamento que lhes desgasta e desvaia a maquinaria cerebral. A sintomatologia da doença é facil, e nos minimos gestos se revela. O estado nervoso é geral. A atmospheria politica é turva e densa. Pairam no horisonte nuvens minas de suspeição e expectativa.

Em compensação, a zologia tem sido nos ultimos tempos consideravelmente enriquecida e novamente e mais meticolosamente classificada. E até na apreciação qualitativa dos pequenos felinos da historia, denominados com propriedade, heroes vulgares de Línneu, occorrem considerações, novas e de vasto alcance scientifico, se bem que sejam irregulares e discordantes...

Os sabios monarquicos, afugentados nas estranhas, increpam com aspereza, á joven Republica-Portuguêsa, a sua esterilidade de feitos e impotencia vergonhosa de crear heroes, á moda antiga, de capa e espada, que vencessem num Campo d'Ourique, e se avantajassem com grandesa em Aljubarrota. Os republicanos não respondem por tímids e modestia — que, afinal, feriram mortíferas batalhas ali para as bandas do Cemiterio dos Prazeres onde venceram galhardamente os proprios heroes ominosos, e contam, com gloria, entre os seus, a Ruy Chianca que, se não venceu em Aljubarrota, derrotou, com denodo e fama, a propria Aljubarrota, nos campos entrincheirados do Teatro da Republica.

Dizem publicistas convictos e serios, que, por motivos de certas operações chirurgicas, jámais a Republica-Portuguêsa poderá parir, a são e salvo, um Fuas Roupinho ou um comilão de Almada — sendo certo que poderá criar com desvanecimento, gente sem roupa e ratos roedores de secretarias e de colonias. Os republicanos não respondem por tímids e modestia, — que, afinal, poderiam garantir que essa gente sem roupa tem ás vezes consciencia e soube vigiar com dignidade as casas bancarias nos dias da grande Revolução, e poderiam afirmar que possuem ministro diplomado e acreditado para destruir com exito toda a rataria que roe a corda e os ministerios e as colonias portugúesas.

Tagarelas traquinas e impertinentes clamam que ainda não surgiram, por estes larguissimos três anos de vigencia republicana, entre a multidão anonima e ignára, superhomens de arte e inteligencia, que alevantassem padrões de glorias como os Jeronimos e cantassem com voz furiosa e altisonante a epopeia dum novo Gama. Os senhores republicanos não respondem — mas, desta vez, sorriem meigamente. Pouco tempo viverá, quem não chegue, ainda, a olhar, com enlevo e reconhecimento, erguido sobre a Rotunda, um Arco de Triunfo monumental.

Quanto ao novo Gama e seu novissimo cantôr — nada mais é lícito esperar, que já temos, para enlevo nosso e gloria de nos-

sos amigos, Nunes da Matta que canta, em prosa, as aventuras de Frei Mocho.

E cesse tudo quanto a musa antiga canta..

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

O mez de Outubro ficou assignalado por diferentes catastrophes, destacando-se pelo numero de victimas a do incendio do *Volturno*, da companhia inglesa *Uranus*, com 560 passageiros e 93 tripulantes, o qual fazia a viagem de *Rotterdam* para *Halifax*. Pela telegraphia sem fios, o maravilhoso invento que tão grandes beneficios tem prestado á humanidade, foi dado o signal de fogo. Immediatamente accorreu o *Carmania*, cujos esforços fôram baldados, pois que o mar alteroso e bravio não o deixou approximar do *Volturno*.

Mais feliz foi o *Tourraine* que lhe mandou uma baleeira, em que se salvaram muitos passageiros, graças, sobre tudo ao auxilio do *Narragansett*, vapor petroleiro, chamado pelo commandante do *Carmania* o qual lançou oleo sobre as indomaveis ondas, cuja furia immediatamente abrandou. Ficou plenamente demonstrada a eficacia dos oleos no abrandamento das ondas em caso urgente de abordagem de salvação. Esta idéa era já conhecida de *Aristoteles* e de *Plinio*. Parece que vae haver uma combinação entre as nações para que se generalise o emprego de depositos de oleos e aparelhos para a sua distribuição a bordo dos grandes paquetes. Graças a essa descoberta e ao invento de Marconi, contaram-se sómente umas cento e quarenta victimas!

A Allemanha com a navegação aerea soffreu um grande desastre: a explosão do *Zeppelin II*, com 28 tripulantes. Este dirigivel era o maior; custou 50:000 libras, tinha 520 pés de comprido e 53 de diametro, e deslocava 27 tonelladas. Era tripulado por 28 pessoas, incluindo os membros da commissão do almirantado.

Em Setembro desapareceu o *Zeppelin I* com 14 pessoas, de modo que a Allemanha, em seis semanas, perdeu dois dos melhores dirigiveis e com elles alguns dos seus mais distinctos e experimentados officiaes aviadores.

De mais de 20 dirigiveis construidos desde 1900 até agora, restam apenas 8.

Desde Junho de 1910 os aeroplanos só á sua parte têm feito 85 victimas na Allemanha. Sommando-lhe as victimas dos dirigiveis, a estatistica é verdadeiramente horrorosa.

Este mez de Novembro caracterizou-se por grande numero de desastres de caminho de ferro, succedidos quasi no mesmo dia. Assumiu proporções horriveis a catastrophe de *Melun*, na linha francesa P. L. M., conhecida do publico pelo nome macabro — *pour la mort*. Dois comboios, o que ia de Paris e o que vinha da fronteira suissa e de Nice chocaram-se proximo de *Melun*. Attendendo á velocidade d'um d'elles — 100 kilometros á hora — o encontro foi terrivel. Os primeiros vagões do comboio de Nice ficaram em migalhas. O gaz dos depositos collocados por cima das carruagens inflammou-se. O incendio completou a obra de destruição.

Impossivel é descrever o spectaculo tragico, que teve por epilogo quarenta e uma victimas, em que avultavam empregados dos correios!

A imprensa commenta a imprevidencia do machinista, e censura asperamente as companhias de caminhos de ferro que, prohibindo aos passageiros o transporte de substancias inflammaveis, continua a fazer a iluminação dos comboios por meio de depositos de gaz collocados por cima d'esses mesmos passageiros. E' um cumulo!

O desastre de *Melun* tem emocionado o mundo inteiro.

De toda a parte chovem telegrammas ao governo francês em signal de sentimento.

A França celebrou o segundo centenario de *Diderot*, o famoso philosopho e editor do *Dictionnaire Encyclopedique*. *Diderot*, *Voltaire*, *Rousseau* e *Montesquieu* representam o movimento do espirito francês de que sahiu a revolução e a França contemporanea.

Diderot era prodigioso; sabia tudo, o seu cerebro armazenava todas as sciencias. Por isso *Voltaire* lhe chamou *pantophilo*.

Morreu em fins de Agosto de 1784 em *Richelieu*, nuns soberbos aposentos pagos pela imperatriz da Russia e a pedido de *Grimm*. Até ahi, e durante trinta annos, viveu miseravelmente num quarto andar. Foi enterrado na igreja de *Saint-Roch*, mas, á semelhança de *Corneille*, que tambem ali se perdeu, os seus ossos estão completamente destruidos, misturados com terra, nada restando senão a sua memoria, que é eterna.

Santos Dumont, o glorioso peoneiro da navegação aerea, recebeu uma alta homenagem do *Aero Club de France*, que lhe erigiu um monumento commemorativo das suas experiencias.

O monumento, erigido em *Saint Cloud*, é constituido por um monolitho de granito, do qual se ergue, prompto para o vôo, um homem de bronze com as azas abertas.

Na frente do pedestal ha um medalhão com a inscripção: — *Homenagem a um precursor — Santos Dumont*.

A proposito de homenagens deve registrar-se a prestada ha dias no cemiterio de *Pere Lachaise*, em Paris, á memoria de *Benoit Malon*. O grande apostolo do socialismo, que aos vinte annos sahiu das trevas do analfabetismo, foi deputado, membro da *Internacional* e da *Communa*, e escreveu uma obra magistral — *O Socialismo Integral*. Os seus discipulos e admiradores erigiram-lhe um monumento por subscripção publica.

Charles Tellier, o pae do frio, como era conhecido o inventor da conservação das substancias alimentares pelo gelo, desapareceu agora d'entre os vivos. Aos 25 annos inventou uma machina de ar comprimido e construiu um barco em que se empregava o ammoniaco com força motriz. O seu prodigioso cerebro concebeu mais tarde uma machina frigorifica de compressão, destinada a conservar não só a carne, mas tambem todas as materias organicas durante longos meses.

Sob a direcção de C. Tellier construíram-se centenas de navios frigoríficos que sulcam os mares em todos os sentidos, trazendo de nações longinquas e ferteis a outras menos favorecidas bellas carnes escorrendo sangue, que parecem provir de animais abatidos no mesmo dia. Fructos saborosísimos, morangos aromaticos e mil outros productos da *California* e do *Cabo* são assim transportados aos pontos mais distantes da Velha Europa.

No anno passado, o commercio creado por Tellier era avaliado em 2:400 contos. Pois elle viveu sempre na penuria, abandonado dos poderes publicos. Aos 85 annos fizeram-no *cavalleiro da Legião d'Honra*, mas... sem vintem.

No primeiro congresso internacional das industrias frigoríficas realisado em Paris em 1908, foi aclamado *o pae do frio*. Na verdade, estava bem frio o pobre inventor, e creador de tantas fortunas.

Fez-se então uma subscrição que atingiu 20 contos, sendo metade offerecida pela Republica Argentina, a nação mais interessada neste commercio. Foi de *Buenos Ayres* que em 1876 partiu o navio *Le Frigorifique*, armado por Tellier, com destino a França e com uma carga de 10 bois, 12 carneiros, 2 vitellas, 1 porco e umas cincoenta aves, conservados nas camaras frigoríficas do navio.

Segundo lemos numa revista inglêsa, a somma subscripta na Argentina não tinha chegado ás mãos do infeliz inventor á data da sua morte. E' possivel que d'aquí a pouco erijam uma estatua a C. Tellier, que morreu tão pobre como viveu.

No dominio das commemorações não pode esquecer-se o *centenario da batalha de Leipzig*, chamada *batalha das Nações*, em que os alliados da Prussia, da Russia, da Austria e da Suecia bateram o exercito de Napoleão em 1813.

Nada menos de 440:000 homens ali se bateram, ficando quasi metade fóra de combate.

A Allemanha celebrou ruidosamente esse acontecimento, que representa a sua libertação, inaugurando em Leipzig um monumento verdadeiramente colossal, cuja construcção durou 15 annos e que tem de altura mais de 90 metros! Na inauguração do monumento estiveram, além do Imperador Guilherme, o Archiduque Francisco Fernando da Austria, o Grão Duque Cyrillo da Russia, o Principe Herdeiro da Suecia e os soberanos principes da Allemanha.

O Rei da Saxonia descreveu o monumento como sendo um symbolo da força e da unidade allemã e erigido por devoção dos patriotas allemães, fazendo votos para que elle recordasse ás gerações vindouras o espectáculo d'esse dia em que allemães, russos, austriacos, húngaros e suecos, curvando-se reverentes perante Deus, o Omnipotente piloto da historia Universal, lhe supplicavam que mantivesse a paz.

Não é porém *paz* a palavra que por toda a parte se ouve. Os Balkans, não obstante estarem em socego, parece que ainda não deram por terminada a contenda. O czar Fernando da Bulgaria anda

agora em visita pela côrte de Vienna; a Turquia mostra desejos de reconquistar Salonica; a Grecia vê-se ameaçada nos seus novos dominios; a Albania ainda não fixou as suas fronteiras. As chancelarias trabalham sem descanso para solucionar todos esses problemas.

Agora porém surgiram complicações no Novo Mundo, a proposito do Mexico, em revolução permanente e sem esperanças de conclusão. O presidente Wilson, dos Estados Unidos, não quer reconhecer presidente o *general Huerta*, que tem todo o apoio da Inglaterra. E' unisona a divergencia de vistas, que alguns attribuem a rivalidades resultantes da existencia de duas companhias de petroleo, uma inglêsa, outra americana. O certo é que Wilson fez saber que não reconhecia nem Huerta nem nenhum presidente eleito sob a sua dictadura, porque as suas mãos estavam manchadas com o sangue de Madero.

Ha pouco realizaram-se as eleições pelo suffragio universal, havendo dois candidatos á presidencia: *Gamboa*, apresentado pelo partido catholico, e o *general Felix Diaz*. Nenhum foi eleito; o povo não compareceu. O seu eleito era *Huerta*, que não era candidato. F. Diaz fugiu para Havana, onde pouco depois foi esfaqueado pelos seus adversarios, salvando-se milagrosamente.

A renuncia de Huerta era fingida. Occupando o poder ha oito menses, tem a seu favor a maior parte da tropa e as classes ricas e médias. Na opinião dos estrangeiros lá residentes, Huerta é o unico homem capaz de restabelecer a ordem e a paz. A dificuldade está no desaccordo entre Londres e Washington, nascido, como já dissémos, da rivalidade de interesses na exploração de petroleo, que constitue para a Inglaterra uma importancia muito especial, desde que se saiba que o petroleo vae já substituindo o carvão na marinha de guerra, especialmente na inglêsa. Ora, não produzindo a Inglaterra o petroleo sufficiente, claro é que ella tem todo o empenho em que as grandes fontes do estrangeiro não sejam absorvidas por uma nação rival.

Madero, o presidente desthronado e posto á morte por Huerta, fomentava os interesses da companhia americana, tendo declarado nullas as concessões feitas á rival inglêsa. Huerta annulou a obra de Madero.

Eis resumidamente explicadas as sympathias do governo britannico pelo dictador, que tem a lutar com o *general Carranza*, chefe dos insurrectos e que occupa com as suas tropas uma grande parte da turbulenta republica, em cujas aguas estão actualmente nada menos de dezesseis navios de guerra americanos.

J. A. M. D'OLIVEIRA.

QUADRA

Tu juraste com ternura
Que bem me havias de amar,
Foi tão firme a tua jura
Como o pó que anda no ar.

PEDRO VIDEIRA.

Exposição de aguarelas

Ha dias, o notavel pintor sr. João Cabral, inaugurou uma interessantissima exposição de aguarelas - estudos e croquis. De relance, ao primeiro aspecto, imediatamente, se reconhece nos trabalhos expostos, mão de mestre, sabida e experimentada. E logo surpreende que o sr. João Cabral, num tão deminuto espaço de tempo, cêrca de um anno, conseguisse ser tão operoso e tão completo. Na verdade, apresentou estudos que encantam pela serena límpidês das tonalidades e execução ficel da realidade.

Este incansavel pintor é um incansavel viajero. Já na exposição realisada no Palacio Foz ele demonstrou assimilação facil de motivos exóticos, como sejam os que tratou, com certa felicidade, nas suas peregrinações pelas nossas ilhas e por Marrocos.

Ainda ha bem pouco tempo o sr. João Cabral nos falava com entusiasmo das suas divagações de arte pela cidade velha de Fez com seus esconsos de betesgas e lindas moiras que passam ante os olhos estrangeiros como visões e para sempre desaparecem, incognitas e irreconhecíveis...

Nesta exposição, inaugurada ha dias, soube comentar também, com exito, motivos artisticos de viagens — desta vez, pela terra linda e encantada de Portugal.

Do Douro ao Ribatejo, soube exprimir pelos tons a emocionalidade que exalta na alma a contemplação da recolhida paisagem portugueza.

A nosso ver, foi sobretudo muito feliz, por vezes, na expressão das aguarelas tonalisadas pelos campos do Ribatejo. *Pinheiros ao pôr do sol e paisagens da Moita* encantam docemente.

As *Aguas serenas* (Tejo), as *Levadias d'Agosto* (Praia das Maças) e *No Choupal* (Coimbra), são perfeitamente desenhadas e coloridas. Na *praia do Furadouro* (Ovar) é curiosa pela similitude evocadora das tristes paisagens de Holanda.

Ao centro da sala da exposição, chamam irresistivelmente o olhar dois quadros de grande efeito — *Raveiros e Travessia do Mondego*.

E primorosas e interessantissimas aguarelas ha ainda que bem mereceriam de nós referencias elogiosas. Entanto, adiante e adiante e sempre o tempo nos impele e guia implacavelmente a outras perspectivas, menos pitorescas e mais rigo-



PAIZAGEM

(O Moinho)

Em declive, o caminho largo, turtuoso,
Em rapidos lacetes desce ao valle umbroso,
Florinhas que em si tem raios de sol nascente,
A' beira do caminho riem para a gente,
Algumas de aurea côr, outras alvas de rendas:
Um estendal de joias de encantadas lendas.
E' fresca a madrugada: alegre e satisfeita
Da juventude a alma accorda, e fica á espreita,
Sentindo o doce mel d'uma emmoção divina,
Como as deveo sentir quando era pequenina.
Lá mais ao fundo, o valle estreito e pedregoso



BARCA DE PASSAGEM — MONDEGO (Aguarela de João Cabral)



NA TERRA ALTA — VILARINHO — COIMBRA
(Aguarela de João Cabral)

Aonde um fio d'água, claro e preguiçoso,
Para sorrir ao Céu, tomou quieto descanso,
Dormindo ao pé do moinho em límpido remanso,
O moinho a cavallero, assente sobre a encosta
Fechada a porta estreita, a estreita v'reda exposta,
Na rude construção, mesquinha e primitiva
Nos diz que a não ergueu a mão de gente viva.
Um blóco sobre blóco, pedra sobre pedra,
Nem hera nem um musgo, em volta d'elle medra.
Um tecto irregular de lascas de lagêdo,
O vulto silencioso, bronco, triste e quêdo;
Até lhe falta a nota alegre que consola,
Que de longe alvejando indica a moínhola.
Dos hombros lhe varreu o véu de noiva a chuva
Impondo-lhe p'ra sempre os crepes de viúva,
Mau fado ali o pôz votado ao abandono,
Para dormir, dormir interminavel somno.
A cal de condução inutil, para o lado,
A água sem correr, rodizio desdentado;
Como é que n'este mundo tanto mal succede,
Em baixo agua tão clara, elle a morrer á sêde!
Sem ter um som de vida o remoer das mãos,
Confrange o coração ao véo-o triste, a sós!
Perdi-me a considerar no quadro matutino:
Coitado do moinho, pobre e pequenino,
Que na sombra do valle occulto mais se isola,
Pedinte, euvergonhado de pedir esmola.
Serenos, em baixo, o rio de quieto adormeceu,
Tornado em claro espelho a reflectir o céu.
Mudado no alto o azul do leite assume a côr,
A côr vivaz e sã d'um leite creador:
Em uma e outra margem o arvoredo denso
Os opulentos braços ergue ao cen immenso,
Todos obedecendo á força que os conduz,
Desdobram-se em ramagens avidas de luz.
No chão relvoso e fresco pastam passarinhos,
A aurora a resurgir, surgem tambem dos ninhos,
Ao fundo mais ao fundo a agua da repreza,
Sabindo em tenue fio murmura doce reza;
Segreda uma oração á vida, á liberdade.
Não era d'agua morta o lago, esta a verdade;
A vida lá vivia no mysterio augustos,
Que envolve a gestação do roble ou do arbusto
Que para occultos fins, a par guarda e conserva
A massa de granito, a areia, o fio d'herva.
Da vida o quadro em roda olhando... eu mais ninguém
Nadando nos effluvios da natureza mãe.
Que vida immensa ali n'um ponto tão mesquinho.
E só não tinham voz as pedras do moinho
Flôres, ramagens, aguas, aves, n'um hossana
Tudo cantava ali. Só morta a obra humana!

Entre os rios (Torre) — 1911.

NEMO.

Escola de Guerra

Segunda-feira, 3 de novembro, inaugurou-se, com pompa, na Escola de Guerra, o novo ano lectivo. Assistiram á solemnização deste facto, os srs. Presidente da Republica, e ministro da guerra, pessoal docente e estudantes da Escola, e respectivas familias. O vestibulo e escadaria encontravam-se engalanadas com arte de arbustos e crisantemos lindos. Usou se nesta festa o grande cerimonial do costume. Formou-se na parada uma lusida guarda de honra que veio postar-se á porta principal do edificio. A chegada do ministro e capitão do estado maior e sr. dr. Manuel de Arriaga, prestaram-se com imponencia e distincção as continencias devidas, ao som do hino nacional.

A sala da sessão solenne estava profusamente ornamentada com flôres, arbustos e trofeus de lanças e bandeirolas que se combinavam com a bandeira nacional, em volta dum busto da Republica.

Constituiu-se a mês e assumiu a presidencia o chefe do Estado, tendo a seus lados o ministro da guerra e o comandante da Escola. Ao lado direito, collocaram-se os officiaes ajudantes, comandantes da guarda republicana, comandante da

policia, presidente do Instituto de Socorros a Naufragos, director do Instituto Feminino, representante do Colegio Militar e director da Casa de Correção.

A esquerda, ficou todo o professorado e a guarda-de-honra, que era formada por alunos de cavalaria.

Nas primeiras filas das cadeiras, viam-se os alunos que se distinguiram no ano lectivo anterior e no fim desta festa de estímulo e premio receberam o diploma correlativo; a seguir, convidados e familias de officiaes e alunos.

Em nome do sr. presidente da Republica, o sr. general Moraes Sarmiento abre a sessão e dá a palavra ao capitão de artilharia, sr. Frederico Simas que lê a oração de Sapiencia. Extensamente e proficientemente, o distintissimo official disserta sobre o tema deveras interessante: «As relações da quimica com a arte da guerra». Na verdade, a influencia intensissima que a quimica exerce sobre a sciencia da guerra, é tal que ninguem a ignora. Ela contribue, dia a dia, enormemente para o desenvolvimento da metalurgia e estudo dos modernos explosivos que, se são agentes lugubres e terriveis de morticinios, tambem favorecem extraordinariamente a humanidade em obras gigantes e trabalhos de minas.

E assim, mais e mais, o sr. capitão Simas vai discorrendo com sabedoria e interesse. Em seguida, trata propriamente do metodo pedagogico, usado na Escola, para educação militar dos estudantes — metodo que, sendo urgentemente pratico não desdenha a teoria que prepara e guia.

O ensino pratico distingue-se claramente dum empirismo cego, pois que «não tem real valôr conhecimentos adquiridos em curto espaço de tempo, sem os solidos alicerces que a teoria fornece.» «Só o espirito scientifico no ensino o torna fecundo, só ele é criadôr, porque só ele permite, a quem o recebe, ir com segurança alem do que na escola se professa.» Por ultimo fala dos trabalhos de applicação, experiencias balísticas, visitas e missões a estabelecimentos fabris, campos de batalha e linhas de defeza, levantamentos topograficos, diversos exercicios e a missão a Tancos, que durante o decorrido ano lectivo se efectuaram e vieram consolidar e completar os conhecimentos adquiridos na Escola. Depois duma breve mas entusiastica e nobre alocação dirigida aos alunos que terminaram o seu curso — o sr. capitão Frederico Simas conclue, em meio de palmas e felicitações.

Foi conferida, em nome do Instituto de Socorros a Naufragos, uma medalha, e correspondente diploma, ao professor da Escola de Guerra e capitão do Estado-Maior Moraes Sarmiento, por motivos de altruismo de que deu provas, em Tancos, nos exercicios deste ano, salvando com risco de vida um aluno que tinha caído ao rio.

Alfim, fôram distribuidos premios aos distintos do ano transacto: *Engenharia militar*, 4.º ano: Santos Calado, 1.º premio, 80 escudos; Silva Escudeiro, 1.º premio honorifico; Dias Goulão, 2.º; Cunha Lamas, 3.º; Abreu Reis, 4.º

3.º ano — Soares Branco, 1.º, 80 escudos; Zuzarte Mendonça, 1.º, honorifico; Silva Peres, 2.º; Monteiro Lemos, 3.º

2.º ano — Supico, 1.º premio, 80 escudos; Rodrigues Carvalho, 1.º, honorifico; Duro Xavier, 2.º

Artilharia, 3.º ano — Sacadura, 1.º premio, 70 escudos; Ferreira Braga, 1.º, honorifico; Gama Rodrigues, 2.º; Silveira, 3.º; Mattos, 4.º; Caiola Motta, 5.º; Sequeira, 6.º; Duarte Silva, 7.º; Pinto da França, 8.º; Germano Ribeiro, 9.º; Rodrigues da Costa, 10.º; Bastos Serpa, 11.º; Angelo Ferreira, 12.º

Cavalaria, 2.º ano — Ferreira Lima, 1.º, 50 escudos.

Infantaria, 2.º ano — Mello Gerales, 1.º, 50 escudos.

Engenharia civil e minas, 3.º ano — Mello Nogueira, 1.º, 60 escudos; Serpa Pimentel, 1.º, honorifico; Penha Garcia, 2.º

Finalizada a sessão, o sr. presidente da Republica visitou as novas aulas, que, ainda ha pouco se construíram e retirou se com grande cerimonia, identico ao da sua entrada.

O sr. ministro da guerra ainda ficou, por algum tempo, a visitar as dependencias do edificio.

Novos ministros estrangeiros em Lisboa

Em consequencia da concessão da reforma ao embaixadôr inglês em Vienna de Austria, sir Fairfax Leighton Cartwright, que foi secretario de legação e encarregado de negocios em Lisboa, desde 9 de agosto de 1902 até ao fim de 1904, foi nomeado ministro britânico nesta capital, o Honorable Lancelot Douglas Carnegie.

Esta promoção recente é motivo de geral agrado nas altas estancias. Assim, não será superfluo traçar a esboços rapidos a biografia deste illustre diplomata.

Sir Douglas Carnegie nasceu a 26 de dezembro de 1861, filho segundo do nono Conde de Southesk. Foi educado no celebre collegio de Eton, e na Universidade de Oxford, na qual se matriculou no Collegio de Christ Church.

Tendo sido nomeado adido de legação, em 20 de novembro de 1886, ficou aprovado em concurso, em 8 de janeiro de 1887, e encetou a carreira diplomatica.

A 12 de janeiro de 1888 foi aprovado em concurso em Direito Publico. Nomeado para Madrid em 1 de julho de 1888, foi promovido a 3.º secretario em 8 de janeiro de 1889.

Transferido para S. Petersburgo a 24 de março de 1892, foi promovido a 2.º secretario em 1 de novembro de 1893 e a 29 de maio de 1894 teve gratificação pelo conhecimento da lingua rusa.

Foi transferido para Bruxellas a 14 de março de 1899, mas não chegou a tomar posse e foi então nomeado para Berlim, a 1 de novembro de 1899. Foi agraciado com a condecoração de membro de 4.ª classe da Ordem Real de Victoria, em 11 de outubro de 1901.

Serviu de encarregado de negocios em Munich, desde 30 de agosto até 9 de novembro de 1903. Foi promovido a secretario de legação em Pekin (China) em 23 de janeiro de 1904, e naquela cidade serviu de encarregado de negocios desde 15 de maio até 11 de setembro de 1906 e de conselheiro de embaixada no serviço diplomatico em 11 de maio de 1906. Foi nomeado para Vienna de Austria em 15 de abril de 1907, servindo ahi de encarregado de negocios desde 31 de outubro até 31 de dezembro de 1907, e desde 29 de julho até 9 de agosto de 1908 e desde 8 de novembro até 19 de dezembro do mesmo ano.

Foi transferido para Paris em 1 de outubro de 1908, e lá, por onze vezes, foi encarregado de negocios nos anos de 1909 e 1910.

Foi nomeado ministro plenipotenciario junto da Republica Francesa em 1 de janeiro de 1911, subordinado ao embaixadôr. Foi agraciado com a medalha da Coroação em 1911 e naquele ano, por duas vezes, foi encarregado de negocios em Paris.

Na mesma cidade foi delegado da conferencia internacional sanitaria, em novembro de dezembro de 1911.

Em 1890 casou com miss Marcon, filha do abastado proprietario H. F. Barclay, que reside no seu solar de Monkams, no condado de Essex. Tem um filho e duas filhas.

Sir Carnegie chegou terça-feira, 11 de novembro, a Lisboa, a bordo do paquete



ESCOLA DE GUERRA

Sessão solene presidida pelo chefe do Estado para a distribuição de prémios aos alumnos — A' direita do chefe do Estado o sr. ministro da Guerra e á esquerda o Director da Escola sr. General Moraes Sarmento.

Amazon. O desembarque effectuou-se no porto maritimo de desinfecção, onde foi aguardado pelo consul do seu paiz, respectivos secretarios e pessoal do consulado inglês.

Terça-feira, 11 de novembro, ás 16 horas, realisou se, com o acostumado cerimonial protocolar, no palacio de Belem, a entrega das credenciaes que acreditam, junto da Republica Portuguesa, o ministro da Noruega, o sr. barão de Wedel-Garlsberg. O novo ministro trajava grande uniforme diplomatico e gran-cruz de Santo-Olavo de brilhantes e era acompanhado pelo secretario da sua legação, sr. A. de Huitfeldt.



ESCOLA DE GUERRA — Os alumnos premiados

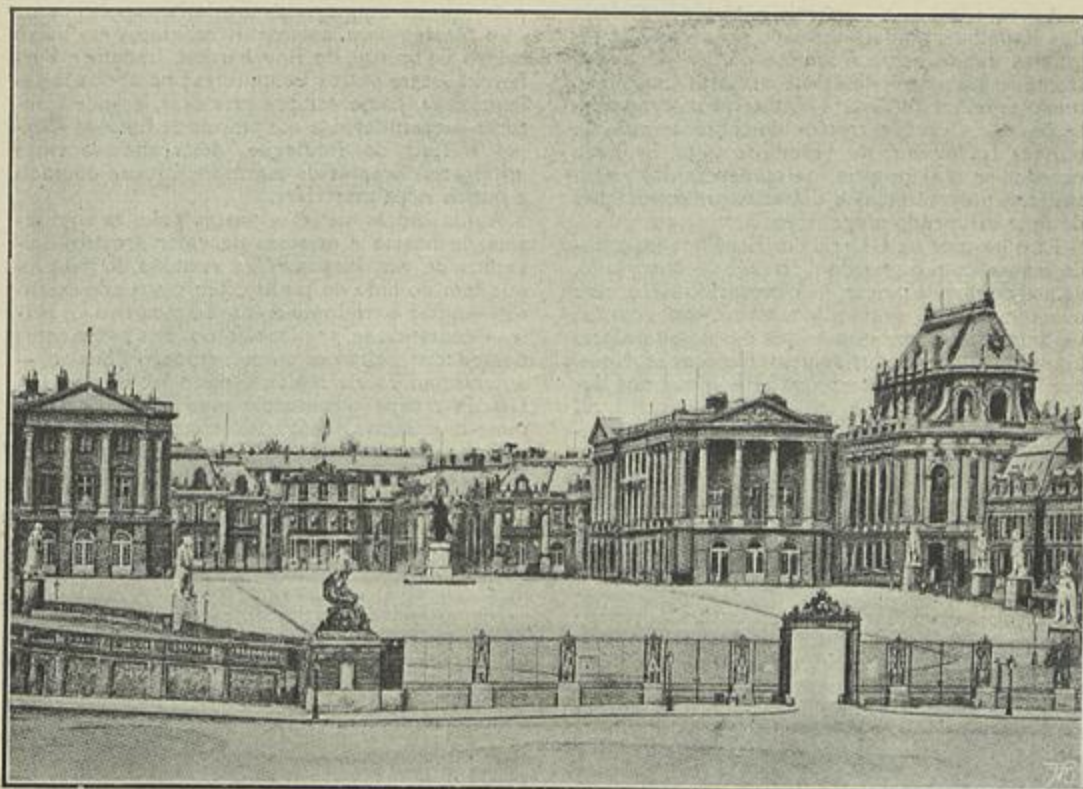
Feitos os cumprimentos preliminares do estilo, trocaram-se os discursos diplomaticos da maior cordialidade e fizeram-se as apresentações dos assistentes.



CHEGEDA A LISBOA DO MINISTRO DE INGLATERRA

Honorable Lancelot Carnegie, acompanhado do seu secretario e do sr. Santos Tavares representante do Ministro dos Negocios Estrangeiros

BARÃO DE WEDEL-GARLSBERG
Ministro da Noruega



VISTA GERAL DO PALACIO DE VERSAILLES

Um dia em Versailles

(Notas de um excursionista)

I

SUMARIO: — Uma chuva de arrelhar. — Lindos campos e aldeias. — Um bom almoço em Versailles. — Um guia que... não guiou. — Preleção proxima ao Château. — Visitam se galerias e salões, a nove. — Curiosa ilusão na Galeria dos Espelhos. — Uma janela histórica. — Um nunca acabar de belos e ricos salões. — Uma Capela maior e mais opulenta, que muitas egrejas. — O Theatro onde representou Moliere. No Terrasse, as matisadas flôres e os lindos tanques de repucho. — A caminto do Grande Canal sob persistente chuvinha.

A manhã de aquele Domingo, 7 de Setembro, amanhecera sombria em Paris, prometendo chuva a cantaros. Era um caso de *pouca sorte*; durante os dias anteriores houvera sol e bom tempo e logo n'aquela dia, o dia das *Grandes Eaux* em Versailles, prometia o ceu abrir sobre nós as aguas da chuva.

Não serviu porém a ameaça celeste de emba-

ração e á hora marcada todos os setenta portuguezes e portuguezas da excursão da benemérita Academia de Estudos Livres d'esta formosa cidade de Lisboa, estavamos na gare de S. Lazaro, aguardando o comboio, que nos transportaria á famosa estancia de Luiz XIV, o Rei Sol.

Movimento extraordinario se notava na ampla estação; a meio da enorme massa de gente arregimentava-se entre outras escolas, uma columna de *boy-scouts*, com a sua bandeira enrolada em bainha de oleado e que um oficial de brilhante uniforme comandava.

Agora todos nós acomodados nos vagões do comboio, por signal acanhados, de tejadilhos baixos e desbotados de pintura, aguardavamos o signal de partida por aquela manhã plumbea; no entanto lembrava-me o nosso séstro bem portuguez de dizer mal de nós mesmos, ao estabelecer o paralelo entre os comodos tramways das linhas do Rocio a Cintra, a Cascaes e a Villa Franca e a pouca comodidade d'aquelles que nos iam transportar a Versailles.

Partimos por entre uma complicada rêde de numerosas linhas; alguns tuncis são passados e a chuva, até ahi ameaçadora, começa a cair fina-

mente, com o aspecto irritante de *molha tolos*, da que promete não mais acabar.

Varios belos sitios e aldeias se vão entreendo atravez a poeira da agua, como S. Cloud, Ville de Avray, Montreuil, Puteaux, Sèvres, Surésnes, destacadas entre viçoso e robusto arvorêdo, até que atingimos Versailles a famosa povoação, que possui, segundo a estatistica, uns 55:000 habitantes.

Fóra da gare e antes de nos irmos extasiar com as prometidas maravilhas do famoso palácio, confortamos o estomago n'um restaurant local, com um bem servido almoço, que valeu uma nutrida salva de palmas ao nosso infatigavel director Bernardino Cardoso, que diligentemente o promovêra na vespera.



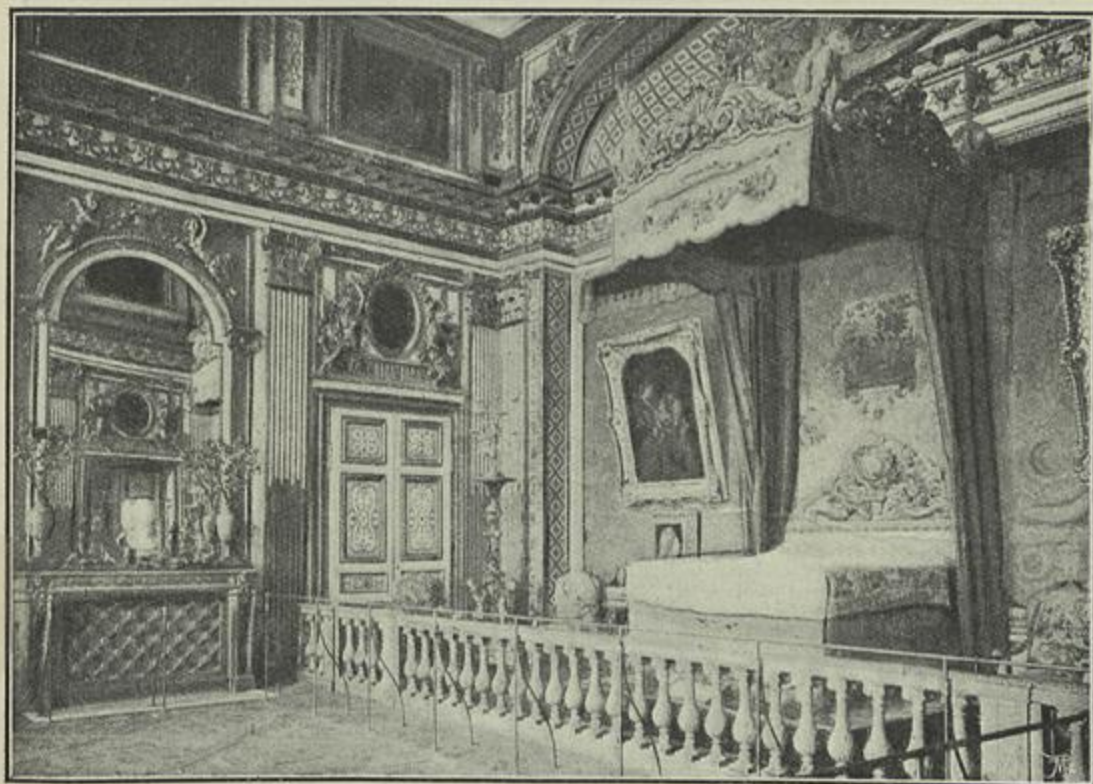
O RETRATO DE LUIZ XIV, de Rigraud
(Hyacinthe)

Eis-nos agora subindo larga alamêda a caminho do Château, o qual dentro em pouco se patenteia na sua magestosa grandeza horizontal á curiosidade da nossa vista; gradarias e um portão de ferro de grande estylo, dão-nos ingresso na vasta *Cour Royale* ou Pateo de Honra; aqui n'esta altura, um guia, rapaz bem trajado, falando o Esperanto, que a Sociedade de Turismo de Versailles pozera ás nossas ordens, para a vizita ao palácio e jardins, depois de ter bem almoçado connosco, declarou-nos... que tinha de esperar uns outros vizitantes e deixa-nos!

Estavamos, como ficou dito, no grande Pateo de Honra, que grandiosos palácios, architectados por Le Vau e Hardouin-Mansard, limitam symmetricamente em varios planos; no centro da quadra ergue-se uma soberba estatua equestre de Luiz XIV, o Grande, esculpurada por Petitot, assente aliás sobre singelo envasamento quadrilongo; em torno á distancia viam-se aprumadas grandes estatuas de marmore, representando marchaes, almirantes e estadistas do Rei Sol, formando-lhe ainda côrte.

No entanto a falta do guia não serviu de embaraço; reuni a um lado da *Cour* os meus compatriotas e como usava ante qualquer importante monumento parisiense, esclareci sumariamente o meu auditorio, dizendo lhes como se creara aquele imponente palácio e assim ficaram sabendo, os que o ignoravam, que no seculo XVII existiam ali em Versailles, grandes matas em terreno pantanoso, no meio do qual se erguera um palacete de tijolo e pedra, obra de Luiz XIII, que servia para rendez-vous de caça.

Não se satisfazendo o seu successor Luiz XIV, com o magnifico palácio e parque de Saint-Germain-en-Laye, reedificado por seu pae, isto não falando no magnifico Louvre em Paris, deliberou erigir n'aquela local o palácio que se tornára no seu género a maravilha da Europa e depois tão imitado foi n'outras nações, como no palácio Aranjuez em Hespanha e no de Queluz em Portugal, para não citarmos senão os da penin-



VERSAILLES — O QUARTO DE CAMA DE LUIZ XIV

sula; para se conseguir aquela portentosa edificação, reuniram-se os mais notáveis architectos, esculptores, pintores e ornamentistas da França, trabalhando todos, para a unidade do estylo, sob a direcção do famoso Carlos Le Brun, notavel pintor que possuía a merecida confiança do monarcha.

Previamente tornára-se necessario remover espantosa massa de terras, o que fôra um flagelo que victimou inumeros operarios dos 36:000, que trabalharam por servidão n'aquelles terrenos palustres, até os sanearem de todo pela elevação em que fica o palácio; a despeza fôra colossal e calculada em mais de meio bilião de francos, na moeda de então o que seria o triplo da actual, facto que empobreceu o Erário, chegando mesmo a ser um dos motivos da tremenda Revolução franceza, aquelle estupendo capricho do Rei Luiz XIV, que afirmava que o *Estado era ele*.

A' entrada do palácio, para onde seguimos, o seu administrador, já prevenido da visita da excursão portugueza, sollicitamente nomeou um guarda para nos dirigir n'aquella dédalo de salas e galerias e assim eis-nos seguindo o aprumado funcionario revestido de fato preto, capa curta e chapéu de dois bicos, agalado a ouro e tendo atravessada curta fita tricolor, as côres da França; varios estrangeiros e tambem francezes se nos aggregam e é curioso e digno de um *film* para animatografo a nossa rapida avançada atravez do palácio, ouvindo os rapidos descriptivos que com voz de stentor o guarda vae declamando ao centro de cada salão.

Primeiro perpassámos a passo largo, como sempre, o museu histórico, na ala Sul do palácio, organizado pelo rei Luiz Filipe de Orleans, extensissima galeria belamente iluminada pelo alto em todo o comprimento e dividida ao meio por magnifico pórtico com columnas de marmore; formidaveis quadros de cinco metros de alto e separados unicamente pelas molduras, se succedem sem interrupção de um e outro lado, representando batalhas, aquellas em que os francezes ganharam, escusado é dizer, isto desde os mais remotos tempos da monarchia até á época de Luiz Filipe; como uma grande illustração polycrômica, succedem-se as Cruzadas á Terra Santa conduzidas por Filipe Augusto, Ricardo Coração de Leão e Godofredo de Bulhão até á tomada de Jerusalem; as guerras da Italia; as da Holanda, no tempo de Luiz XIV; as batalhas napoleónicas, estas na maioria magistralmente pintadas por Gros e Horácio Vernet, com grande estylo, rigor histórico, e interesse episódico.

Mais tarde, em identica galeria oposta, a da ala do Norte,—pois o palácio é dividido em tres enormes corpos,—outros grandes quadros de batalhas chamam a nossa atençaõ, as victorias na Argélia, sendo o *clou* a enorme tela de 21 metros *A tomada da Smala de Abd-el-Kader*, do mesmo pintor H. Vernet; n'ela se vêem os esquadrões francezes, n'um magnifica impeto de carga, surprenderem a reserva e o harem do famoso chefe argelino.

Tambem se notabilizam, por notavel merecimento artistico, as telas da *guerra da Crimeia*, por Ivon, e os quadros da Revolução; n'um, o *Juramento do jogo da Pêla*, em que se vê o maire Bailly, sôbre uma cadeira, a proclamar a formula do juramento, estando a um lado o deputado, o unico, entre 700, que se recusa a jurar; n'outro, é o *Recrutamento de volu-tarios em 1792*, vendo-se, entre outros convencionaes, as formidaveis personagens que fôram Robespierre, Danton e Marat; mais adeante, patentea-se o tetrico quadro das *Ultimas victimas do Terror*, com angustiados grupos despedindo-se para a guilhotina e, entre eles e ao primeiro plano, André Chénier, o inspirado poeta, sentado, com a mão crispada junto á testa, na pena de deixar a vida.

O corpo central do palácio, o mais recuado na planta, é porém o mais maravilhoso, por conter os antigos aposentos ríaes; assim, percorre-se a série dos salões onde viveu Luiz XIV, de uma admiravel ornamentação, nas paredes e tectos, em relevo, entalhado, pintado e doirado, formando, por seu turno, moldura a belissimos quadros mitojogicos, alusivos aduladoramente ao grande Rei, em que o insigne Le Brun e seus auxiliares, todos grandes pintores e esculptores, conseguiram obter deslumbramentos de apoteóse.

Pela nossa vizão maravilhada, passam o salão de Hercules, o de Venus, o da Guerra, o da Paz, a alcôva de Luiz XIV, com o riquissimo leito onde o monarcha faleceu; o salão de comida ante a nobreza; e o celebre salão *Olho de Boi*, onde a côrte aguardava a hora de levantar do rei, e tantos outros aposentos em que Warin, Branchard, Audran, de Lafosse, Vouet, Houasse, Jouvenet, Van der Meulen, Coyzevox, Coustou, e tantos outros grandes artistas se immortalisaram.

Agora entra-se na enorme e histórica Galeria dos Espêlhos, tendo a um lado numerosas lindas janelas dando sobre o famoso parque, a que faz frente, e do outro desessete arcarias fronteiras, tendo espelhos de Venêza *bisautés*, com ornamentações de Cucci, e troféos de cobre doirado do ourives Ladoireau; no grandioso tecto, Le Brun excedeu-se a si proprio, na opulencia das pinturas, nas polycrômicas e doiradas ornamentações de uma estupenda magnificencia.

Entráramos na Galeria dos Espêlhos em grande massa, com o guarda á frente; do outro lado, vêmos tambem avançar, pelo comprido salão, uma outra multidão, seguindo tambem um guarda; reparando melhor, vêmos que é o nosso proprio agrupamento reproduzido pelos famosos espêlhos, que dão nome á soberba galeria, o que nos illusionára; fôra aqui que, em 1871, Guilherme I, rei da Prussia, proclamou, entre os marechaes e generaes do seu exercito vencedor, a unidade do Imperio Alemão.

Percorrêmos, agora, outra face do corpo central e vêmos salões que serviram de aposentos a Rainhas; n'elas dormiram Maria Terêza, Maria Lezinska e Maria Antonietta; estes que se succedem, tem grandes e lindas tapeçarias Gobelins, retratos de reis e rainhas, inumeros bustos de personagens de bela esculptura, quadros religiosos e mitojogicos, e vário mobiliario da época, encontrando-se tudo como então existia; n'um d'esses ricos aposentos, o guarda, indicando uma sacada que dava sobre o Pateo de Honra, recorda que ali, n'um dia, o general Lafayette protegera a Rainha e o Delfim agitando sobre eles a bandeira tricolor, ante a multidão de parisienses n'uma das suas marchas raivosas sôbre Versailles.

Salões e mais salões se succedem ainda, sempre de variada e deslumbrante ornamentação delicadamente entalhada e doirada, o do Conselho; o dos guardas do Rei e da Rainha; o de M.^{me} Maintenon; o do Delfim; o das Mesdames, em um não acabar nunca de grandêza e opulencia, pois em Versailles podiam residir 10:000 pessoas da côrte!!! e qualquer de nós, n'aquella meio, podia visionar o que seria o brilho dela no seculo XVII, constituída por os aristocratas, de ricas casacas de côres, calção e sapato de tação encarnado ostentando as cabeleiras de cacho; e as damas, com os enormes penteados e vestidos de grande roda, cheios de laços, borlas e apanhados, divertindo-se com as dansas de mesuras, a Gavóta, o Minuete, que orquestras ocultas tocavam.

Descida uma das escadarias de mármore, encontráramos nos novamente na *Cour Royale*, descansando então um tanto da vertiginosa vizita, perturbadora da vista e da memória, e assim, com mais socêgo, visitamos a formosa grande Capela, adornada de riquissimas columnas de marmore rosa, estriadas, de capiteis corinthios, dispostas sobranceiras á arcaria de grande lavôr, onde o Rei e a côrte assistiam ás cerimoniaes religiosas; aqui foi Roberto de Cotte o architecto da sumptuosa ca-

pela, que muitas igrejas invejariam, pois possui sete altares com assumptos religiosos em baixo relevo de bronze, de Bouchardon, Ladatte e Verberckt, entre outros esculptores; na abobada salientam-se, como sempre preciosas, grandes pinturas sacras, devidas aos pinceis de Lafosse, Coy-pel e Luiz de Boulogne, destacando-se entre admiraveis ornatos de marmore, bronze dourado e outros ricos materiaes.

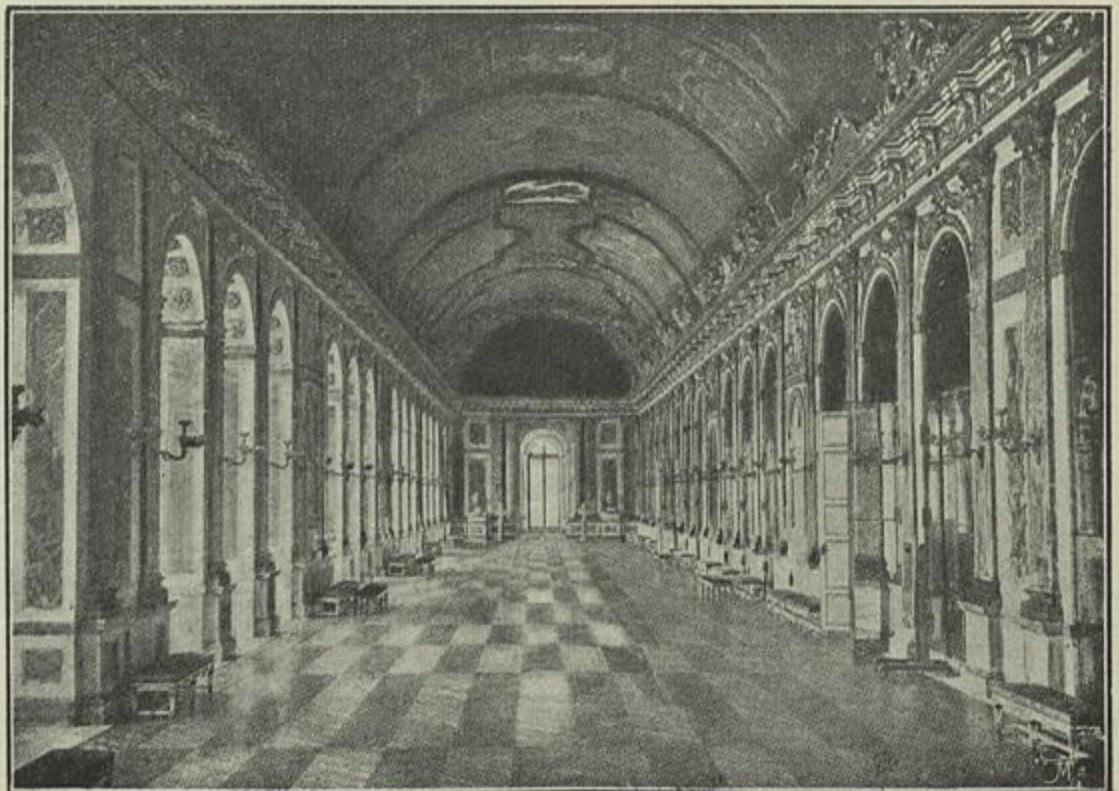
Ainda outras várias e vastas galerias com séries de bustos e estatuas de valor artistico deixamos de ver, dispostas na vastidão do palácio, que tem do lado do jardim, 580 metros de extensão—quasi o triplo da frente do mosteiro de Mafra—contando-se, 375 janelas, nos tres pavimentos desse lado; visitamos porém, ainda, o Theatre,—ao extremo da ala Norte,—onde Molière e a sua famosa *troupe* representou ante o Rei Sol, que tanto o estimava, e ás suas imortaes comédias e sátiras, que mais de uma vez incomodaram a Côrte, ao ver os seus ridiculos expostos na scena.

Um novo guarda nos conduz, agora, áquella recinto e, sentados nos *fauteils*, do historico theatre, podemos ver o seu conjunto, todo revestido de madeira, avivada a escarlata e ouro nos entalhes salientes; modernamente, é aproveitada a sala para reuniões parlamentares do Senado quando da eleição de Presidente da Republica, antes da reunião plenária no grandioso salão das Camaras, situado na ala Sul; para esse fim, junto ao proscenio foi levantada mesa e tribuna e só passando por fundo corredor se pôde ver o curioso palco e urdimento, tal como existia no seculo XVII, ainda bem conservado.

Estava feita a vizita ao *Chateau*, vizita realizada a marche marche, ficando-nos ainda por ver numerosos salões nos tres pavimentos; observáramos, porém, o mais notavel, como comnosco combinára o benevolente empregado superior, que nos recebera.

Estavamos agora no amplo Terraço, e a chuvia continuava teimosa, aguando-nos o passeio e transformando o terreno em lamaçal; necessario era visitar os Trianons, antes da abertura das Aguas, se queriamos conhecer mais aquelles famosos palacêtes de Versailles, os quais ainda nos ficavam distantes no parque; e assim, vistos de passagem, os lindissimos lagos de Diana e de Latôna, cheios de esculpturas de marmore e de metal, dispostos proximo do palácio, entre verdejantes placas de *gazon*, matizadas de coloridas flôres agrupadas por tons, como viramos em Paris, tomamos a direcção do Grande Canal, ao lengo do *Tapis Vert*, vasto tapete de verde relva ladeado de estatuas e magnificos e grandiosos vasos ornamentaes de mármore, em quanto aos dois e aos tres, abrigados da chuva por chapéus, lastimavamos a nossa *pouca sorte* com aquele mau tempo, quando o Sol tão necessario era para apreciar mos as maravilhas que Luiz XIV fizera crear para seu deleite.

RIBEIRO CHRISTINO.



VERSAILLES — A GALERIA DOS ESPELHOS

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

VII

UMA CONVERSÃO

Apenas era visitada por alguns amadores de campo isolado, ou pelos artistas que vinham esboçar as suas telas. Pois era n'este oasis que se elevava o castello de Feunteungoat. A condessa de Rudennis tinha-o herdado de seus paes; recebera o em ruínas gastando avultadas sommas para o restaurar, dando esta representação do *Orfeo* apresentava aos seus convidados um castello bellamente montado com todas as commodidades.

Desde os primeiros dias de julho Steinbaum dava constantemente ordens sob todos os preparativos. Não podendo estar sem a sua familia transportou esta para junto do castello o que foi uma grande alegria para a doente Lisbeth e sobre tudo para os pequenos que ficaram doidos de contentes. Lisbeth sentira-se melhor com aquelle bello ar de campo e os pequenos só vinham a casa para dormir, pois as refeições eram ao ar livre á sombra de uma grande arvore.

Como Steinbaum soubesse qual a estrada seguida por Fombreuse e Lescourias vindos de Launiam na carruagem da condessa, foi esperal-os com os pequenos.

Fombreuse e Lescourias deram um grito de surpresa quando avistaram na estrada Fombreuse. Karl e Franz estavam contentissimos d'aquellas scenas que elles nunca viram em Paris. Steinbaum ficou admirado de não ver Anna.

— Ainda fica um dia ou dois em Launian, respondeu Fombreuse.

— A tia, disse Lescourias, teve receio de a confiar ás nossas pessoas, disse sorrindo-se. Ah! meus bons amigos, como estamos aqui longe de Paris!

Aproveitando o barulho do rodar da carruagem, Fombreuse perguntou a Steinbaum:

— A menina Carbranches já chegou?
— Já está ha dias com o pae.

O valle de S. João Doigt apresentava um aspecto attrahente de frescura. Aqui e alli ribeiras deslisavam as suas aguas atravez de campos cobertos de relva onde flôres campesinas com as suas côres variadas matisavam a tela com infinita beleza. Ao longe a linha do horizonte fazia ver o mar, com as cristas das ondas muito brancas. A carruagem desceu por uma estrada entre pinhaes vendo-se a distancia uma casa modesta, que era a hospedaria d'aquelles sitios.

A carruagem parou em frente da porta e todos se apearam.

— Venham ver aquella fonte, disse Steinbaum.

— Vamos, disseram todos em côro.

— Esta fonte foi mandada construir pela rainha Anna, que belleza! Não possuímos nada tão bonito nos paços de Nuberg. Allí n'aquella igreja que acolá fica tambem é digno de ver-se um calice do seculo xv em ouro e esmalte que vem

reproduzido em uma estampa de Mantegno. Uma maravilha. Mas vamos a caminho, porque já é tarde e no castello já nos esperam para jantar. Eu sigo por aqui, a pé, com os pequenos, fica mais perto.

Todos os dias chegavam a Feunteungoat novos hospedes. A sr.^a Rudenis mostrava uma actividade extraordinaria em todos os preparativos não só na representação como na maneira de dar commodidade aos seus hospedes. Atravesava mysteriosamente o parque para ir ter ao pavilhão onde se realisavam os ensaios ao piano. Mas a condessa Rudenis não se podia calar e estava sempre a repetir varias passagens dos ensaios; Lescourias chegou a pôr-lhe a alcunha da *Senhora Polichinello*.

Anna Le Cozan, quasi que ninguem a via. Passava os dias a estudar o seu papel para lhe dar todo o collorido devido. *Orfeo* sahiria, atravez do seu talento uma obra de raro engenho! Para descansar ia visitar a familia de Steinbaum, e á noite no salão executava algumas romanças; mas por volta das onze horas retirava-se para os seus aposentos.

— Esta artista, disse a sr.^a Rudenis a Fombreuse, é uma verdadeira apaixonada.

— Uma apaixonada?! repetiu Fombreuse julgando uma allusão.

— Oh! uma apaixonada pela *musica*, porque no resto deve ser uma montanha de gelo.

Esta opinião era identica á de Fombreuse. Quantas vezes o compositor disse isto mesmo a Steinbaum! Effectivamente Anna revelava uma reserva extraordinaria.

— Repare em Cozan, disse Fombreuse a Steinbaum, como ella tem um aspecto simples e modesto.

— Acho-a triste.

— Está a pensar no *Orfeo*, não pensa em outra coisa.

— Talvez, mas tome sentido, não revele muito o seu amor pela menina Carbranches.

— Quem poderá adivinhar este amor? Eu guardo-o como em um santuario.

— Já vejo que é uma criança. Ainda hontem á noite no salão quando o calor fez perder os sentidos á menina Carbranches o senhor estava mais palido que ella!

— Notaram?! Senti as arterias a baterem tanto! Quando a vi palida, tive a cruel visão de um cadaver, que momentos de tortura!

— Anna Le Cozan não reparou, pois estava a segura la, mas a condessa analisou o bem.

— Que poderia ella notar?! A menina Carbranches parece evitar-me e eu francamente não tenho coragem de ir fallar com ella. Quando os nossos olhares se cruzam são a uma tal distancia que ninguem poderá vêr. Imagine meu caro Steinbaum que sempre julguei passar estes dias aqui junto d'ella, trocarmos impressões, pois tive uma desilusão! Apenas lhe digo meia duzia de palavras, não tenho tempo para mais, pois quasi que não me responde e afasta-se immediatamente. Sabe como ella passa os dias? Ajoelhada pelas egrejas de Plougasnon e S. João. A's vezes tenho-a seguido, passa horas a resar, chego a ter ciúmes das

imagens de pedra, ao menos estas podem gozar o seu dôce olhar. Ah! meu caro amigo não calcula o que eu sinto quando a vejo passar tranquilla pelas avenidas do parque até parece que as flôres a cumprimmentam!

N'essa mesma tarde, Steinbaum foi fallar com o sr. Carbranches que estava fumando no parque.

— General, as minhas palavras talvez lhe venham causar um pouco de espanto, mas eu nos actos da vida sigo o que a consciencia me dicta e n'este caso sinto-me tranquillo.

— Mas que deseja?

— Trata-se, posso dizer, de duas crianças. Uma é sua, a outra é minha pelos annos de affeição que lhe consagro. Respondo por Mauricio Fombreuse como V. Ex.^a pela sua filha. V. Ex.^a conhece Mauricio e aprecia-o, sabe o seu passado e poderá calcular o seu futuro, causar-lhe-ha admiração se eu disser que Mauricio ama sua filha?

— Não, apenas lhe direi que já o tinha adivinhado.

— Pois bem, general, o rapaz soffre por não saber esperar.

— Mas V. Ex.^a sabe perfeitamente a vocação de minha filha, rapariga doente, fraca, pouco disposta para longas esperanças.

— Mas poderá V. Ex.^a dizer-me o que pensa sua filha a respeito de Fombreuse?

— Um coreção de virgem é muito mysterioso. Mas posso-lhe dizer que de todos os homens, o sr. Fombreuse é o menos indifferente para Serafina.

— General, diga-me francamente, gostava que essa affeição fôsse capaz de desviar a ideia monastica?

— Estimava muitissimo. Vi as minhas duas filhas succumbirem com um mal horrivel e vivo sempre com receio que esta me fuja com as outras. Para quê fazer dois desgraçados? Diga isso ao sr. Fombreuse.

(Continúa.)



Um livro novo

«Suspiros»

Uma agradável surpresa, mais de que isso, um gracioso encanto, que não me deixou vêr como fazia lá fóra um dia de sol amoroso e triumphal, como foi o de hontem, domingo, que fez regorgitar esta nossa população de Lisboa difundindo-a em todos os sentidos divergentes do centro da capital para todos os pontos suburbanos, como era de razão que assim fôsse depois de uns enfadonhos dias de temporal de um perfeito e tempestuoso inverno.

Consultava eu tambem comigo para onde iria quando sollicito e como a namorar-me deparo com um volume lindamente envolto na alvura do papel que punha em destaque o azul da fita que o ligava. Solta do envolvero eis uma elegante e volumosa brochura, e no exterior ao alto um nome de mulher — Julia Eugenia da Silva de Pereira — e obliquando na mesma pagina o titulo *Suspiros*, a seguir, encimava a pagina do ante-rostu em autografo um tão gentil como delicado e affectuoso offerecimento.

Verdade é que n'elle occupava o primeiro logar um nome de senhora, o de minha filha.

Nem tanto era preciso para me esquecer do bom sol que lá fóra estava pondo em movimento um verdadeiro formigueiro humano.

A gentileza da offerta, o nome da auctora e por muito os estimulos da curiosidade impozeram-me

o desejo, para logo satisfeito, da leitura do livro. Deviam ser maviosos os *Suspiros* de uma perfeita senhora que eu já conhecera, quasi ainda creança, e que mais tarde viera encontrar perfeita senhora sem nunca me deixar conceber a menor suspeita de que n'aquelle cerebro ardia o amor sagrado da inspiração, que se exterioriza nas formas literarias da poesia. Deliciara-me na sua agradável convivência em que scintillavam os distinctos dotes de espirito, de possuidora de uma instrução mais que vulgar; mas o seu livro vem surpreender-me com uma imprevista revelação.

Seria indiscrição perguntar-lhe onde aprendeu a fazer versos. Certo que alguns há em nossa tão eufónica linguagem que parece nascerem espontaneamente feitos e medidos. São esses faceis até de encontrar na linguagem usual, esses de que á boca cheia as canções populares se apodeiram e muitas que o não são, mas o livro começa por esse bellos e cadentes alexandrinos, faceis e fluentes que não são de quem principia, e depois, no decorrer da leitura encontram-se não só os da arte maior, como antigamente se dizia, mas toda a mais variada metrificacão lhe ocorre natural e apropriada.

Percorri todo o livro com avidez, e couclui que a auctora não consumira todo o tempo a suspirar; as setenta e tres paginas de prosa que encerram o livro, na firmeza do traço, na correcção da linguagem, na delicadeza da invenção, na escolha dos assuntos deixam ver uma attrahente contista, que sabe dizer, não só nas linguagens que desde o berço lhe são familiares, o portuguez e o hespanhol, mas ainda na de Racine e Molière, na de Milton e Lord Byron.

São n'este ultimo idioma os dois contos — *A belessel hour* e — *A nest of love*.

No decurso do livro destacam-se scintillações de graça e espirito que fazem lembrar aquellas agulhas rapidas e luminosas que irradiam de uma superficie cristalina posta em movimento e exposta a uma luz intensa; difficil seria enumerar-las mas a intuição e sensibilidade do leitor de certo não as perderá; não me dispenso porém de pôr em destaque o que se lê no final da composição — *Confidência* — a Auctora falla com sua mãe, conta-lhe o que se passara com ella em sonho e conclue:

*Eu estou certa que morri,
N'essa noite que sonhei;
E depois resuscitei...
Foi o que em seguida ouvi.*

*Tu ficavas cá sosinha
E eu... quem tinha lá nos ceus?!
Egual a ti, ó mãesinha
Que podia dar-me Deus!*

Em alguma parte vi attribuindo a Madame Stael este conceito.

Que o amor é um episodio na vida do homem e a historia inteira da vida da mulher. A psicologia do livro parece vir depôr em testemunho d'esta verdade. Sente-se n'elle que a alma que o produziu se libra entre as suavidades de uma esperança e as nebulosidades de um desejo.

Não deixo aqui a uma pretensão a bibliographia ou a critica do livro, mas apenas um simples preito de admiração pelos talentos da sua auctora.

SILVA MATTOS.



Thomaz de Lima

Este distincto artista e illustre compositor realisa a sua festa artistica em *matinée* no proximo domingo 23 no Salão do Conservatorio. No programma figuram obras como *concerto em lá* de Mozart, o *concerto* de Nordine (1763) e outras obras de nome. Haverá uma orchestra d'arcos sob a direcção de David de Sousa, e varios discipulos do maestro Codivilla tomam parte n'esta festa, que estamos certos hade chamar grande concorrência.



Os pezares matam lenta, mas seguramente.

É necessario convir em que as convenções apenas são tolices. Não convieram ellas á maioria?



S. PEDRO DE CINTRA — PARTE ANEXA DO CHALET DO SR. DR. JOSÉ MARIA D'ANDRADE

Salão do Conservatorio

Concerto da cantora Chiarina Fino Savio

De passagem por Lisboa a cantora italiana Chiarina Fino Savio, deu n'este salão em a noite de 12 d'este mez um concerto que teve regular concorrência.

A sr.^a Savio possuindo uma voz de soprano lyrico regularmente bem timbrada sabe usar d'ella com bastante arte, e no genero de musica a que a artista se dedica, isto é a interpretação de *Lied*, a illustre artista proporciona-nos momentos de grande arte. O programma continha auctores de todas as escolas desde Marcello, Falcomeri até Respighi e Debussy. Em todas as peças foi muito applaudida, sobre tudo na *Ylanella* de Falcomeri, *ode saffica* de Brahms, *Pioggia* de Respighi e no *train des amours* de Grieg.

Como complemento do concerto ouvimos duas discipulas do pianista Rey Colaço, as sr.^{as} D. Adelaide e D. Emilia Sabido da Costa.

A primeira executou o *Rondó capriccioso* de Mendelssohn e a segunda *La gita in Gondola* de Liszt e a *Seguidilla* de Albeniz.

Embora tenham grande disposição para o piano, faz-me pena que estejam tão mal encaminhadas. A posição das mãos é pessima, e d'esta forma nunca poderão obter firmeza de nota nem independencia de braço. No *rondó* viu-se a má escola bem claramente, o final todo em oitavas e que deve ser tocado com bravura, sahiu frouxamente, a pianista tinha os braços com enorme fadiga!

Os acompanhamentos ao piano da artista Savio foram feitos pelo pianista Rey Colaço, que por vezes soube tirar bastante relevo como foi no *Dove?* de Schubert e no *Romance* de Debussy.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

O Chalet do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Maria de Andrade, na sua quinta de S. Pedro, em S. Pedro de Cintra

Está disposta numa das melhores alturas da nossa verdejante Cintra, esta linda construção, que constitue uma grande gloria para o autor do projecto, o sr. D. Alexandre Saldanha da Gama, que, sendo um engenheiro distincto, tambem se nos revêla com a presente obra um arquiteto de incontestavel valôr.

Estivemos ha dias a olhar de perto o soberbo chalet, e demorámos nos longamente na encantada observação de todas as suas fachadas que são duma elegancia de traçado devéras original.

A magnifica propriedade do Sr. Dr. José Maria de Andrade, a quem felicitamos pelo seu louvavel empreendimento tão brilhantemente realizado, está situada numa bela altitude e cercada duma grande orla de arvorêdo, que abrange em parte grandes declives, e donde se destaca admiravelmente, com os seus caprichosos telhados de formas ponteagudas, agora espelhados pelas neves que refletem os melhores raios do sol que carinhosamente doiram um dos mais pitorescos trechos da paisagem que comove, por certo, ainda os menos sensiveis.

Compõe-se a suntuosa vivenda de tres pavimentos, de cujas salas e mais divisões não fazemos descripção pela falta das respetivas plantas elucidativas. Diremos, no entanto, que os interiores são raros modelos de bom-gosto e confôrto moderno, e estão em estreita concordancia com toda a parte externa de que não obtivemos fotografias nitidas, em toda a sua extensão, por causa dos proximos e rapidos declives que limitam algumas das frentes.

A melhor fotografia é a que reproduzimos, em gravura, da perspectiva de uma fachada lateral

e parte da principal que é incontestavelmente a que dá uma noção mais exata do que seja o *grande chalet*, a que está anexo um outro de mais reduzidas proporções, situado em frente do torreão da fachada esquerda do primeiro.

O *pequeno chalet*, embora de grande simplicidade, como se vê pela gravura, não perde em elegância e o seu aspecto *rustico* é duma grande belêsa no meio agreste de toda a edificação.

O pensamento e construção de toda a obra são primorosos e perfeitissimos.

Oxalá que d'entre os inumeros visitantes e admiradores dos *chalets* do Sr. Dr. Andrade, alguns tentem continuar a obra de devoção pela belêsa da encantadora Cintra, que bem merece o empreendimento de grandiosos planos de arquitetura moderna e nacional, que, como esta de que vimos falando, representem uma admiração profunda pela riquissima região, cuja paisagem é das mais belas, senão a mais bela da nossa querida terra.

a intensidade relativa ao mez que estamos estudando excede 5^{mm}.4, ao normal, notado no outomno.

Procurando nos registos, os anos em que se notou um mez de outubro em que as chuvas tenham sido semelhantes ou quasi semelhantes ás do ano presente, isto é, superiores a 200 milímetros, apenas tres annos se destacam:

o de 1859, que produziu	228 ^{mm} .6
> > 1864, > >	262 ^{mm} .7
> > 1865, > >	222 ^{mm} .6

O ano de 1876 que foi notavel em chuvas, produzindo inundações importantes, apenas registou no pluviometro uma altura de chuva correspondente a 191.2 milímetros, ou seja inferior em 43.7 milímetros em relação a este ano.

O numero de dias de chuva em cada um dos annos citados, foi respectivamente de 22, 22 e 21 e portanto a intensidade pluviaometro em cada um d'elles foi equivalente a:

concluimos que basta as chuvas do mez de outubro para que essa média seja já excedida.

A média da chuva que se observa no mez de outubro orça por 91.8 milímetros, o que, comparado com a altura pluviometrica registada no presente numero, dá um saldo a favor, de 143^{mm}.1, em relação ao presente anno.

ANTONIO A. O. MACHADO.



Se tens o coração despedaçado, busca solidão; só nela acharás alivio.

A felecidade e o amôr são flôres tão delicadas que secam logo que se lhes recusam cuidados constantes.



S. PEDRO DE CINTRA — CHALET DO SR. DR. JOSÉ MARIA D'ANDRADE

Mez fertil em chuvas

O mez de outubro de 1913 tornar-se-ha notavel nos anaes da meteorologia, pela abundancia extraordinaria de chuvas que nos proporcionou. São frequentes n'este mez as alturas pluviometricas superiores a dez milímetros em 24 horas, excedendo no entanto a media o numero de dias em que tal facto succedeu, pois esse numero elevou-se a onze. Desde 1857, que tal facto não succedeu. O anno que mais se lhe aproxima é o de 1864 em que se registaram 10 dias de chuva superior a dez milímetros, a seguir, o anno de 1859, com 9 dias, o de 1865, com 8, etc.

Além d'este facto, cumpre tambem notar a quantidade de agua observada, cujo total foi de 234 milímetros, e 9 decimos em 19 dias, o que representa uma intensidade diaria de:

$$\frac{234.9}{19} = 12^{mm}.3$$

Sabendo-se que a intensidade média das chuvas em Lisboa é de 5^{mm}.8 durante o anno, ou por estações:

Inverno...	7 ^{mm} .1
Primavera.....	5 ^{mm} .9
Estio.....	3 ^{mm} .1
Oetomno.....	6 ^{mm} .9

$\frac{228^{mm}.6}{22}$	$\frac{262^{mm}.7}{22}$	$\frac{222^{mm}.6}{21}$
-------------------------	-------------------------	-------------------------

ou seja 10^{mm}.4 — 11^{mm}.9 — 10^{mm}.6.

o que significa que a intensidade das chuvas do anno de 1913 foi superior em 0^{mm}.4 á maior intensidade conhecida desde a fundação do observatorio, comquanto não tenha sido o mez de outubro mais chuvoso, pois a altura pluviometrica do anno de 1864 a excedeu.

Desde 1864, portanto, não se conhecia um mez de outubro com tal abundancia de chuva, como o presente.

Os dias em que se observaram alturas pluviometricas superiores a 10 milímetros foram:

Em 6 — 12 ^{mm} .3	Em 24 — 22 ^{mm} .4	Em 28 — 32 ^{mm} .9
> 7 — 12 ^{mm} .8	> 25 — 24 ^{mm} .1	> 30 — 23 ^{mm} .6
> 20 — 17 ^{mm} .6	> 26 — 12 ^{mm} .2	> 31 — 32 ^{mm} .4
> 22 — 13 ^{mm} .9	> 27 — 10 ^{mm} .2	

Foi a partir do dia 20 até ao final do mez que se notou, como se deprehe de este quadro, a maior força de chuvas que quasi cahiram ininterruptamente sobre a capital, observando-se igual fenomeno em toda a peninsula.

Sendo a média da quantidade de chuva durante o outomno meteorologico (setembro, outubro e novembro) de 220 milímetros, immediatamente

Prospero Peragallo

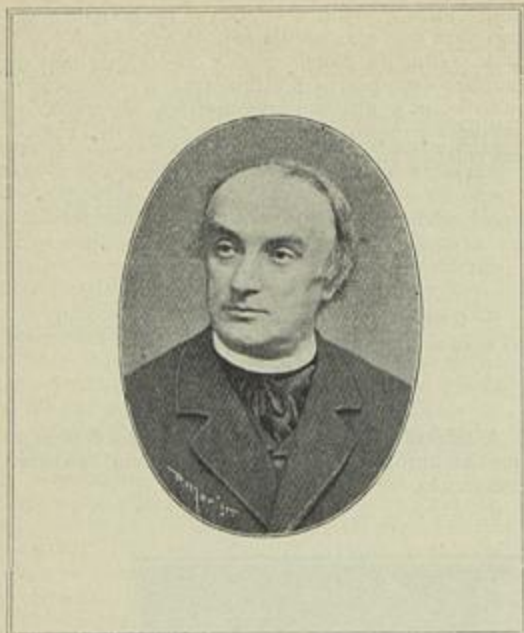
Due Poemetti Latini, uno in Latino Classico del Cardinale D. Jacobini, l'altro in Latino Maccheronico del Dr. Professore Thomaz de Carvalho, tradotti in verso italiano da Prospero Peragallo — Genova.

In *Ricordo* del novantesimo anno di età di Mons. Prospero Peragallo, abate della Basilica de Carignano — Genova.

De longe, saudosamente, chegam lêtras dum velho Amigo. Aves de mensagem, volitam derredór de nós, fixam-nos insistentemente e nos seus olhares sonâmbulos ha a nostalgia de tempos mortos e regiões desconhecidas.

Sobre o diluvio de annos decorridos que caíram desoladoramente sobre as nossas illusões, alteiam-se as memorias de outra idade em demanda do coração amigo onde aportar com repouso.

Prospero Peragallo — conhecemol-o bem e o *tempus edax*, que tudo, por onde passa, consome, ainda não conseguiu sequer



PROSPERO PERAGALLO

amortecer a franca e leal amizade que nos dedicámos. Estes livros tiveram o condão de evocar em nós um mundo melhor de recordações.

Lemol-os com deleite.

Colaboradôr antigo e presado da nossa Revista — não nos surpreendem as suas brilhantes qualidades de estilista, delicadeza de espirito, lucidês de intelligencia e amena suavidade de imaginação, tão notavelmente assinaladas nestes dois preciosos folhetos, publicados em *edizione riservata*, na linda e legendaria cidade de Genova.

Prospero Peragallo passou bôa-parte de sua vida em Portugal, e tanto e tanto deixou enlevar os seus olhos de poeta no encantamento da nossa paisagem, que ainda hoje, longe e bem longe, se esforça por reviver, em beatitude, pela recordação, as suas peregrinações por terras de Portugal.

Due Poemetti Latini, tradotti in verso italiano, um do Cardeal Jacobini, outro do espirituosissimo e saudoso Thomaz de Carvalho, por Prospero Peragallo, são o elogio altissimo de Cintra, no primeiro, e a

demonstração graciosa do espirito português na — *Congratulatio canum*. De Cintra diz o bom e saudoso velhinho, na formosissima lingua da sua Patria: «*Alla immaginazione la piu fervida ed eloquente del visitante mancano in quel momento i termini adeguati per disceverere le profonde, incancellabili sensazioni che sperimenta davanti aquel magico spettacolo dalla nature e abellito dall'arte; e un grido solo erompe dall'anima assorta, inebriata, amaliata: bello! sovranamente, incomparabilmente bello!*»

Amigo de Portugal — é-o sinceramente, devotadamente, e tem-no demonstrado á evidencia nos seus belos e probos trabalhos de literatura.

In Ricordo — é a homenagem justa e carinhosa de amigos ao seu *novantesimo anno di età*.

E assim, tardias mas affectuosissimas, daqui enviamos, em lembrança de horas idas, felicitações e saudações ao venerando e querido Amigo, Mons. Prospero Peragallo.



LIVROS NOVOS

«Amos»

Por João Maria Ferreira

O distincto e novel poeta João Maria Ferreira acaba de lançar no mercado mais um livro de versos, um pequeno livro de seis cartas d'amôr, a que o auctor poz o nome de *Amos*.

É um livro que sahe dos moldes das restantes suas obras, pois esta vem, pelo menos parece, desvendar certos segredos do seu coração de poeta, revelando ao mundo que soube amar e que sabe ainda hoje soffrer.

Não fallando n'essas adoraveis cartas da Sorôr Mariana ao cavalleiro de Chamilly, que são pequenas joias de litteratura portugueza, todas as obras literarias que me desvendam qualquer raio de luz nos segredos do coração humano, são sempre lidas com infinito interesse. Ainda me recordo dos momentos agradaveis, horas que jamais se esquecem, quando passaram perante os meus olhos as cartas de Beethovem, onde havia

a paixão toda lyrismo; as de Berlioz por essa actriz ingleza onde se lê, pagina a pagina, o amôr ardente, impetuoso; as de Wagner, paginas d'arte, a essa adoravel mulher Wesenvouck, e, emfim, n'essas cartas amorosas de Chateaubriand, Oloune, Clarke, Béranger, Diderot, Epinay, Musset, Goethe, Liszt, Luiz da Baviera, etc., etc.

O livro *Amos* é uma pequena obra poetica que se pôde egualar a todas essas cartas amorosas que têm passado atravez dos annos até nós sempre perfumadas de amôr, desvendando segredos d'almas, chamadas intimas, luctas moraes!

João Maria Ferreira, abandonou n'esta obra a Natureza que elle sempre cantou nos seus versos, quiz patentear-nos d'esta vez um drama intimo da sua alma e dentro do seu soffrimento quiz mostrar quanto a sua alma é vibratil a sentimentos ideais.

Repito, ignoro se esta paixão existiu ou se é uma pura phantasia de poeta, mas o livro é escripto com tanto sentimento que me leva a crêr que houve de facto uma Mulher que illuminou a sua alma de poeta!

Amos é uma obra que se lê com infinito encanto, não direi que seja um livro para todos lerem, mas todos aquelles que tiveram na sua vida qualquer pagina amorosa, que tiverem soffrido um desengano, lerão com praser este livro, pois n'elle encontrarão lenitivo ás suas dôres.

O auctor, atravez de seis cartas, não contando com a dedicatoria onde diz:

Este livro, senhora, é meu e é vosso

revela-se um cantor da paixão humana e embora lhe chame:

Esta istória de fel, que tendes lido

vê-se que a Mulher inspiradora do livro, é vista pelo poeta ainda com raro amor.

Este livro dá honra ao seu auctor já pelo assunto em si, já pela fórma brilhante como está escripto. Os seus versos cantam á nossa alma, hymnos d'amôr intenso, atravez das rimas temos ás vezes a illusão que passa perante nós a Musa inspiradora das suas horas de sonho. tal é a verdade com que a obra está escripta.

Se João Maria Ferreira já não fosse deveras conhecido, bastaria o seu livro *Amos* para ser considerado um dos nossos melhores poetas da actual geração.

A edição é muito elegante, um trabalho que honra a livraria Ferin, aonde *Amos* foi iditado.

A capa é uma sanguinia do novel artista Raul Carneiro, representando a cara de uma mulher, tendo a expressão de um ente elevado n'um crescendo de idealisação subtil.

Ao auctor agradecemos a offerta do exemplar assim como a sua amavel dedicatoria.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914 — PREÇO 100 RÉIS

A SAÍR BREVEMENTE — RECEBEM-SE ENCOMENDAS DESDE JÁ NA EMPRESA DO «OCCIDENTE» — Poço Novo — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilitade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e *sempre que é preciso levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.